

O Sub-Secretariado das Corporações e Previdência Social criou há pouco tempo a «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho», com o fim, diz o artigo 2.º dos seus estatutos, «de aproveitar o tempo livre dos trabalhadores portugueses de forma a assegurar-lhes o maior desenvolvimento físico e a elevação do seu nível intelectual e moral».

Tudo o que contribua para melhorar as condições de vida da classe operária é digno de louvor e nós queremos estar na primeira fila dos que aplaudem, com entusiasmo. Felicitamos, portanto, os ilustres autores da F. N. A. T.

Quere-nos, porém, parecer que ainda era cedo de mais para pensar em trazer a «alegria no trabalho» à maioria dos operários portugueses.

Sem pão, não pode haver alegria.

E há ainda muito lar sem pão por esse Portugal além. O primeiro trabalho, o mais nobre e aquele que os operários, mais agradecerão ao Estado, é o de provocar a elevação do nível material de todos os que trabalham.

Depois também nos quere parecer que os fins que têm em vista a F. N. A. T. — conseguir, num futuro breve, vida independente, solidamente alicerçada na generosidade e no civismo de uns, no entusiasmo e no reconhecimento de outros, na devoção de todos os que crêem nos altos ideais da Revolução Nacional — se não conseguirá apenas pelo Estado.

A base da solidariedade — porque não dizer do amor? — é a religião. Só ela será capaz de trazer às sociedades a feleicidade, porque só ela é capaz de atingir as almas.

Na Alemanha e na Itália também há Fundações para a Alegria no Trabalho, mas pura e simplesmente pagанизadas.

Os homens que estão à frente da F. N. A. T. são garantia suficiente de que não será assim em Portugal. Oxalá que saibam aproveitar o valor das forças espirituais, as únicas forças capazes de tocar as almas e, por isso, de promover a feleicidade no trabalho e na vida.

A. V.

Os Caminhos de ferro... na Rússia

A revista «Informations Sociales» — publicada em Genebra pelo «Bureau» Internacional do Trabalho, no seu n.º de 3 de Junho de 1935 conta-nos minuciosamente que o sr. Kaganovic, nomeado há pouco Comissário do povo para os transportes, resolveu meter um pouco mais de ordem nos caminhos de ferro da Rússia Soviética. Para isso fez várias conferências e publicou um decreto.

Aos leitores de «O Trabalhador» e aos prezados camaradas ferroviários portugueses, pedimos que meditem um pouco nalguns bocados que abaixo se transcrevem.

«No seu decreto, o Comissariado dos Transportes, afirma que o número de desastres tem aumentado sempre. De 62.000 desastres em 1934 passou-se a 7.000 só em Janeiro de 1935. Cerca de 7.000 locomotivas e mais de 60.000 carruagens foram avariadas durante o último ano, tendo ficado completamente destruídas 4.500 carruagens. Os prejuizos materiais directos, sem contar as perdas originadas pela desorganização do tráfico, elevaram-se a 60 milhões de rublos. Além disto tudo, morreram centenas de pessoas, tendo ficado feridas muitos milhares».

O sr. Kaganovic afirmou ainda:

«Na maior parte das linhas, a sinalização é muito defeituosa. Os maquinistas, aliás, não fazem caso dela ultrapassando os sinais de paragem. Esta atitude é tomada pelos maquinistas, porque os empregados de certas estações costumam deixar sempre abertos os sinais de «via impedida», para estarem mais socegados. (!!)

Vê-se por aqui, acrescentou o Comissário, que «nos caminhos de ferro não compreendem ainda a disciplina no sentido bolchevista».

E vai daí decretou entre outras coisas mais:

1.º Os chefes de linhas, de distrito e de secções políticas mandarão pôr em ordem os quartos de repouso dos maquinistas e condutores, colocando neles uma cama e jornais.

2.º Os chefes das secções políticas acabarão completamente as imediações das estações muitas vezes cheias de ferro, de destroços e de porcaria.

3.º Os chefes das secções políticas acabarão com a prática de obrigar os maquinistas, condutores e agulheiros a desempenharem toda a espécie de funções públicas, obrigando-os muitas vezes a assistir a longas sessões políticas imediatamente antes do seu serviço nocturno.

4.º Um novo sistema de prémios será criado em favor dos funcionários que ultrapassarem as normas da circulação e reduzirem o estacionamento dos wagons nas estações.

5.º Os direitos e responsabilidades dos chefes-condutores serão aumentados. Dentro de trez meses devem todos ser dotados dum uniforme».

E assim por diante.

Donde se vê que os ferroviários russos não são bolchevistas, segundo diz o Comissário.

Quanto a nós quere-nos parecer que são mas é bolchevistas de mais!

Pobres passageiros!

Esta de deixar sempre os sinais de «via impedida» abertos, para não se ralarem, só na Rússia podia acontecer!

Até onde chega a animalidade pregada pelo bolchevismo! Até ao desprêso pela vida dos outros...

6 Papa executa as encíclicas sociais

O Papa, além de Chefe da Igreja, é também o Chefe do Estado do Vaticano.

Tendo publicado uma encíclica sobre a redenção do proletariado, em que toma abertamente a defesa dos operários, o Papa começa por dar o exemplo.

Quando algum empregado ou operário

Quem se de
nais em busca
trabalho, fica
Transcrevem
rem uma ideia
sado mês de

— Na oficina
uma máquina
28 anos, resid
Xabregas, que
com fractura d

ERMIDAS (S.
ra próximo des
sastre o almoo
casado, que tev
fundado 8 filho

LEIRIA, 18. —
freguesia de Mo
pedra, tendo m
nio Vieira, o «F
do concelho de

PENSO (MELA
nifácio Soares,
João de Sá, and
do da casa de l
mar, desta freg
mente ferido. Re

REQUIÃO (FA
Ferreira, de 50
caiu de uma ce
esquerdo e sofri
conduzido ao ho
LOUROSA (VI
do, casada, de V
do gravemente
partidas.

LISBOA, 18 —
tucador Joaquim
Douro, que ali f
balho, de que l
e lesões internas;
da Paz, 46 graver
desastre.

PEROZELO (PE
guesia de Luzim,
de 65 anos, caiu
tantânea.

GONDOMAR, 18.
cando bastante fe
Gomes Pereira.

—No Estoril exp
de pedra, tendo
António Lopes, de
Manuel Vieira, de
quais vieram para
José, onde o prin
foi para sua casa

UNHAIS-O-VELHO
Lavagem do Plão,
de trabalho 5 ope
tram em perigo de

ABRAVEZES (VI
meida Henriques,
cedia a uma desc
desastre, fractura
hospital de Viseu.
MONTEADOR, 18.
Pereira Pinto, casa
der à construção
me, ficando bastar

Os outros dias,
regula por isto. S
de mortos, feridos
Quando um op
sastre que não pô
estava podê-lo ev
quem a átria de
cumprir o de

respondência para «O
mais veementes saú
mo corpo redactorial,
roletariado português
defensores.

«Aria desta linda ter
um periódico que
amente, o gulasse no
doutrina social. «O
sãos princípios do
obre doutrina social
1, há um ano a esta
o fazer reinar a Paz
e o trabalho e que,
princípio de justiça,
proletárias.

«Amente industrial,
abalhador», sentiu a
inhosamente e, por
usa santa do opera
íbricas e sindicatos.
uarte inexpugnável,
se, dentro das nor
possa pugnar pelos

«esses da pobre clas
modo especial cha
competentes para
algumas fábricas de

«alguns baixaram 10
as pobres mulheres
homens trabalhado
para admitir ou
as a quem pagam
o que áqueles.

«que é uma injus
operárias, num tra
que nada há que
não ser que quei
do auspicioso go

«proceder de outros
adores. A redução
orque a indústria
a os deve dar pa

«ode ser amesqui
os partidários da
Salazar a favor
rir-se. É necessá
letária se alie o

«linuir ou aumen
sem ter em con
justiça exige, que
e vontade... se
que o maior nú
lhar e ganhar o

«os salários dema
amente grandes
sem sem traba
prosperidade dos
pública, a paz
,» (1)

«o incitamento à
harmonia e con
ue há-de nascer
uito mal traba
rio áqueles que,
dições de exis
mas ainda, a
gando-se a de
ara exaltar as
versão da socie-

«rias, a conqui
s só as poded
onal adessão
cristã.» (3)

Tito
mo Anno

unismo

vívio dos lei
vários, a
ção profissio-

e da Família — entregue aos mais rudes e violentos trabalhos, que só ao homem pertencem, até à desmoralização de arrancar os filhos às mães para os criarem entregues a mercenárias a soldo, fazendo, assim, com que nos espíritos ainda débeis comece germinando o futuro ódio áqueles que o ser lhes deram, tudo na Rússia atesta por forma incontestável o quanto de bárbaro e de retrógrado encerra em Ideal (?) que diz identificar-se com um Século de progresso e Civilização como o é este em que vivemos.

A Rússia, com os seus exemplos de criminosos terroristas que não vacilam à ideia de semear cadáveres para sobre eles erguerem um pendão de sangue e horror, — é aquele mesmo povo que, como já aqui foi narrado, se encontra